



Ead: A Prática Docente na Produção de Materiais Audiovisuais

Autor: Carlos Renato Colonhezi Tezolin

RESUMO: Este trabalho aborda questões relacionadas à produção de materiais didáticos audiovisuais para Educação a Distância (EAD), através de uma exaustiva pesquisa bibliográfica que aborda a crescente escolha, por parte da sociedade brasileira, por esta modalidade de ensino, seguida da importância dos materiais didáticos na EAD. Após contextualização geral, a pesquisa delimita a produção dos materiais didáticos audiovisuais bem como suas principais características e vantagens no contexto educacional. Dentro da realidade levantada, torna-se preponderante analisar o papel do docente neste processo, e destacar quais são as reais dificuldades dos profissionais de educação na elaboração e produção de materiais didáticos audiovisuais, mas também apresentar um conjunto de possíveis soluções práticas para a sublimação das eventuais dificuldades.

Palavras-chave: 1 EAD. 2 Material Didático. 3 Videoaula. 4 Audiovisual. 5 Prática docente.

Introdução

A Educação a Distância (EAD) tem conquistado um papel cada vez mais predominante no panorama educacional brasileiro. Dados do Ministério da Educação apontam para um crescimento médio anual de 18% nessa modalidade de ensino.

Segundo o Censo EAD Brasil 2014, no referido ano as instituições formadoras ofertavam 25.166 cursos a distância. O documento também informa que “as matrículas em 2014 somaram 519.839 nos cursos regulamentados totalmente a distância, 476.484 em cursos regulamentados semipresenciais ou disciplinas EAD de cursos presenciais e 2.872.383 em cursos livres, totalizando 3.868.706 registros” (Censo EAD Brasil, 2014).

A característica inclusiva da EAD e o crescente avanço das novas Tecnologias de Informação ajudam a justificar esses números. Mais do que nunca, destaca-se o anseio dos estudantes de associarem conhecimento ao desenvolvimento tecnológico (ALMEIDA, 2000).

Os números, ao apontarem essa tendência cada vez mais crescente, tornam fácil a conclusão de que cada vez mais professores, e alunos, estarão a valer-se dessa modalidade de ensino. Uma tendência que pode gerar insegurança em muitos professores presenciais, afinal, não foi dessa forma que realizaram seus próprios estudos, nem mesmo é essa a forma de lecionar com a qual estão habituados. Há também um falso estigma de que a EAD irá substituir o professor. Falso porque, na verdade, o professor deverá mudar, sim, sua metodologia de ensino, mas a figura do professor sempre existirá, seja na modalidade presencial ou a distância (FRUTUOSO, 2005).

Quem, eventualmente, corre algum risco é aquele professor que exerce o papel de “somente passar informação para o aluno”, naquilo que Paulo Freire nomeava de Educação Bancária, este “certamente corre o risco de ser substituído” (VALENTE, 1993, p.03).

Nesse sentido, e trazendo luz à prática docente na EAD, Lagarto (1994) afirma que:

O professor aos poucos está abandonando sua posição tradicional de transmissor de conhecimento para se transformar num organizador, orientador e facilitador, isto é, num gestor de informação útil e pedagógica, onde seus estudantes podem ter acesso, das mais diferentes formas e vias, sendo a modalidade a distância a seu ritmo de aprendizagem (LAGARTO, 1994, apud VOIGT & LEITE, 2004).

Na EAD, o professor tem a possibilidade de desempenhar, sobretudo, dois grandes papéis: o do professor tutor e o do professor conteudista, desde que esteja capacitado para atuar nas diferentes funções. É para abordar o papel do professor conteudista que o presente trabalho se destina, nomeadamente sobre a produção de materiais audiovisuais para EAD, tendo em vista a novidade que esta linguagem representa para o docente, bem como as conseqüentes dificuldades para a boa realização dessa tarefa. Também se faz necessário frisar que os docentes podem, facilmente, encontrar formações, tanto presenciais quanto a distância, para melhor desempenhar o papel de tutor em EAD, mas capacitações para a produção de materiais didáticos audiovisuais são extremamente escassas.

1. Importância dos Materiais Didáticos

Em geral, os Materiais Didáticos (MD) são determinantes para o sucesso da Educação a Distância. Afinal, é através deles que o aluno tem os primeiros contatos com o curso (VELÁSQUEZ, 2009). É o material que comunica ao aluno os conteúdos a serem aprendidos. Nesse sentido, Averbug (2003) afirma ainda que “o MD é o canal mais importante de comunicação com o aluno. Muitas vezes confunde-se até mesmo com o próprio curso” (AVERBUG, 2003, p.26).

Antes de falarmos sobre a importância dos MD Audiovisuais, devemos melhor entender as características, funções e diferentes tipos de materiais didáticos na EAD. Segundo Neder (2009, p.1):

É o Material Didático que possibilita que as diretrizes e os princípios definidos no Projeto Político Pedagógico do curso sejam garantidos

no desenvolvimento da prática pedagógica. São também os balizadores das bases epistemológicas definidas para a sustentação das ações pedagógicas.

As afirmações da autora estão em consonância com as diretrizes do Ministério da Educação e Cultura (BRASIL, 2007), quanto à necessidade dos MD serem construídos em consonância com os princípios epistemológicos, metodológicos e políticos do projeto pedagógico do curso, favorecendo a construção do conhecimento, mediando a interlocução entre estudante e professor e buscando desenvolver habilidades e competências específicas, por meio de diferentes mídias.

Por isso, o processo de produção do MD para EAD não depende exclusivamente do professor, mas sim de toda uma equipe multidisciplinar. Neste sentido, o papel do professor é o de conhecer os objetivos e amplitude do projeto de EAD da instituição na qual está inserido, para melhor dialogar com os demais agentes envolvidos, bem como melhor produzir os MD.

Para Rondelli (2007), o Material Didático:

É um meio importante de interação entre o professor e o aluno, pois é uma forma de orientar o aluno em um oceano de possibilidades. Por isso, o material didático precisa ser de ótima qualidade, ter uma apresentação impecável, revelar a metodologia implícita no processo de elaboração, dar conta dos temas abordados de modo claro, trazer um roteiro rico em possibilidades de leituras, pesquisas e atividades, além de estimular o aluno a ter o prazer de voltar para ali, ou seja, seduzi-lo. Produzir material didático é uma tarefa complexa, que demanda uma equipe com excelente formação acadêmica e cultural. (2007,p.1).

Todas essas afirmações nos conduzem à compreensão de que, na EAD, o processo educativo está centrado no aluno, no tempo do aluno, nas necessidades do aluno, na promoção da capacidade de autoaprendizagem e autonomia do aluno. Ter essa noção clara torna-se um ponto de partida fundamental e norteador no processo de produção de um MD para o ensino a distância, afinal, e segundo Gutierrez e Prieto (1994), a mediação pedagógica no processo de construção de conhecimento nesta modalidade é imprescindível. De acordo com os autores, o docente deve, portanto, ter

clareza da sua intencionalidade, e ao mesmo tempo conhecer o processo de aprendizagem do aluno e o próprio aluno, como um sujeito biopsicossocial.

Montenegro et al (2007, p.144) afirmam, ainda, que “a produção do material didático exige um repensar pedagógico, incluindo a criação de estratégias didático-pedagógicas [...] onde a mídia deve ser utilizada como apoio a um processo planejado”.

O termo “mídia”, portanto, deve ser entendido no plural. Afinal, não há apenas uma mídia¹ a ser utilizada em EAD, e sim um conjunto de meios que transmitem determinadas informações. Lima (2012) divide as diferentes mídias na EAD em três grupos: “o impresso, o audiovisual e o material multimídia”. Segundo o autor:

- Os **materiais impressos** são os mais utilizados em EAD por serem mais acessíveis. Apresentam-se na forma de textos produzidos e direcionados especificamente para o processo educacional do aluno, ou adaptados para o aprofundamento dos temas estudados, como os artigos, os capítulos de livros, resenhas etc.

- Os **materiais audiovisuais** também podem ser produzidos com propósito específico, como as videoaulas as teleaulas, os vídeos instrucionais, os documentários, ou ser adaptados para situações em que o professor julgar oportunas, como filmes de ficção, documentários, programas de tv, telejornais etc.

- Os **materiais multimídia** englobam, em sua composição, o texto escrito, o áudio, o visual e o gráfico. Têm como suporte físico o CD-ROM e o pendrive além do suporte online, como o Ambiente Virtual de Aprendizagem

¹De acordo com a definição do Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, “Todo o suporte de difusão de informação (rádio, televisão, imprensa, publicação na Internet, videograma, satélite de telecomunicação etc.) que constitui ao mesmo tempo um meio de expressão e um intermediário na transmissão de uma mensagem”. (Consultado em 09-06-2016). Disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/m%C3%ADdia>.

(AVA). Podem conter animação, jogos interativos, exercícios interativos, entre outros.

É na segunda categoria que este trabalho se concentra, nomeadamente na prática docente face à produção de materiais audiovisuais. Assim sendo, torna-se fundamental conhecer as características e vantagens dessa mídia para, então, problematizar os desafios da prática docente em questão.

1.1. Características dos Materiais Didáticos Audiovisuais

Já vimos que Lima dividiu as diferentes mídias em três categorias. E para prosseguirmos na compreensão dos materiais audiovisuais, recorreremos a Moore e Kearsley (2007 apud ZANETTI, 2015), que diferenciam mídia de tecnologia. Para os autores, mídia são os textos, as imagens, os sons e os dispositivos. Quanto à tecnologia define-se por ser o “meio que permite veicular mensagens representadas em uma mídia. Cada tecnologia pode comportar pelo menos uma ou mais mídias, como por exemplo o vídeo, que suporta imagem e som”.

Os materiais audiovisuais são, portanto, mídias transmitidas por determinadas tecnologias. No caso da EAD, essas tecnologias podem ser o CD-ROM, o pendrive, o computador e a própria WEB. Mais especificamente:

O audiovisual refere-se a toda forma de comunicação sintética que recorre simultaneamente à visão e audição, havendo comunicação audiovisual sempre que os interlocutores estão em presença uns dos outros, podendo ser recriada pelos mass-media – cinema, televisão, vídeo e mídias digitais².

No contexto educacional a distância, os materiais audiovisuais mais recorrentes são em formato de vídeo, através das teleaulas e as videoaulas. Segundo Moran (2009), teleaulas são variações de professor falando, com ilustração de apresentações e PowerPoint, trechos de vídeo e alguma interação com a lousa digital. A transmissão é feita ao vivo e via satélite, ou seja, através da televisão, como, por exemplo, o Telecurso 2000. Já as

² Definição retirada da internet. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/4796899/teorias-do-audiovisual>>. Acesso em: 26 maio 2016.

videoaulas são previamente produzidas e assistidas posteriormente pelos alunos, quando esses assim desejarem e quantas vezes desejarem. As tecnologias utilizadas na difusão das videoaulas são, sobretudo, a WEB, através dos Ambientes Virtuais de Aprendizagem, DVDs e pendrives.

Mas não se pode limitar a utilização dos vídeos em contexto educativo apenas nesses dois modelos. Cordeiro (2011, p. 39-41) enfoca a constante mudança e sofisticação dos vídeos, e apresenta diversas outras modalidades de vídeos com funções educativas, que podem servir, perfeitamente, como materiais extras e complementos às teleaulas e videoaulas. O autor oferece os seguintes exemplos deste grande leque de opções:

Videoprocesso ou vídeo interativo: [...] Incorporados com frequência nos processos de aprendizagem. [...] São experimentos audiovisuais produzidos por alunos como forma de trabalhos complementares;

Vídeo como função informativa: É utilizado quando se tem como objetivo principal a demonstração da realidade, assim como os seus atributos de máxima objetividade e de cópia exata da realidade [...];

Vídeo como função motivadora: [...] Neste caso específico, a imagem midiática tenta demonstrar que, mais do que a palavra, ela pode provocar emoções através de suas imagens³;

Vídeo como função investigativa: [...] Permite maior aproximação do objeto a ser estudado. Tem sua função muito próxima com a função informativa, com um caráter diferencial que é o de pesquisar de forma mais efetiva o fenômeno no qual objetivamente o autor tenha a intenção;

Videoreportagem: Existem vários tipos de reportagem, como por exemplo, a improvisada, a conduzida e a documental;

Videoentrevista: É utilizada para resgatar depoimentos de especialistas, de determinado tema, podendo ser, inclusive, editada;

Vídeos de Opinião: Utilizado para apresentar ideias ou apurar fatos de determinados assuntos, envolvendo vários atores que tenham conhecimento sobre o mesmo tema;

Mesa-redonda ou debate: Utilizado para suscitar opiniões sobre temas predefinidos com a confrontação de ideias entre os participantes.

Todas essas possibilidades de realização e objetivos são possíveis, apenas, com o trabalho de uma equipe multidisciplinar que envolve, além do docente, um corpo de profissionais, técnicos e especialistas, de diferentes

³ Contudo, as imagens seguem acompanhadas de efeitos sonoros ou trilhas musicais.

áreas. Para melhor exemplificar, a Secretaria Geral de Educação a Distância (SEaD), da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), relata que:

O processo de elaboração de todas essas ferramentas leva, em média, seis meses e começa ainda no momento de planejamento da disciplina, quando o professor prevê quais tipos de recursos serão mais adequados e eficientes diante das especificidades dos conteúdos que deverão ser trabalhados com os alunos. Definido o que será feito, a maioria dos materiais audiovisuais segue o mesmo ciclo produtivo: preparação – momento de elaboração e decupagem⁴ dos roteiros e checagem dos equipamentos; produção, quando são realizadas as gravações de som e imagem, produzidas as animações e os jogos; e pós-produção, quando o material é editado, finalizado e exportado para os seus devidos fins, seja no Ambiente Virtual de Aprendizagem (Moodle) ou em DVDs.

“A Educação a Distância é educação e tem de ser de qualidade, como a educação presencial” (NASCIMENTO; CARNIELLI, 2007, apud MORAN, 2009). Portanto, para que o ensino a distância seja bem-sucedido, é preciso que todos os fatores envolvidos no processo estejam a funcionar perfeitamente, em harmonia, o que torna cada parte do processo fundamental. Portanto, a produção de materiais audiovisuais para EAD tem de, no mínimo, ser pensada e executada com o máximo de seriedade e empenho dos atores envolvidos.

1.2. Vantagens dos Materiais Didáticos Audiovisuais

Antes mesmo de haver a escrita, o ser humano já via, ouvia e se comunicava. Talvez essa seja a primeira explicação possível para o fascínio que as pessoas têm com o vídeo. Wohlgemuth (2005, p. 13–14 apud SILVA, 2013, p.98), aponta ainda outras razões para tal efeito:

É que a visão humana é experiência direta com o mundo. Outra razão é que a linguagem visual propicia mensagens múltiplas, onde vários canais sensoriais, ou vários modos de utilizar esses canais, podem ser empregados simultaneamente, numa síntese estética: cores, movimentos, texturas são alguns deles. No audiovisual, há ainda o som, a música, os barulhos e as palavras.

Trata-se de estar diante do que Silva chama de estimulação global, pois não é apenas a visão ou a audição que estão sendo estimuladas separadamente, mas sim todos os canais sensoriais humanos em simultâneo.

⁴ Divisão de um roteiro em cenas, sequências e planos numerados, para facilitar a gravação.

Para Gerbase (2006 apud CAMARGO, 2013, p.25-26), desde que surgiu, a televisão:

Absorveu signos, semântica e estética do cinema, adaptando-os para suas próprias circunstâncias técnicas e objetivos econômicos. Agora, o mesmo acontece com os MD audiovisuais, que adaptam a linguagem audiovisual herdada da televisão e do cinema para suas próprias circunstâncias, com objetivos educativos.

Nesse sentido, Rangel (2005, p.28) chama a atenção para o “papel intelectual e afetivo que imagens e sons desempenham, em nossa cultura, na formação de atitudes e opiniões”.

Trabalhar simultaneamente com vídeos e MD convencionais, como os livros, confere caráter atual e mais “autenticidade cultural” ao processo de aprendizagem, pois é nessa cultura audiovisual que tanto professores quanto alunos estão imersos. Os sujeitos envolvidos no processo educacional têm familiaridade com as mídias audiovisuais, o que poderia favorecer sua utilização. (RANGEL, 2005 apud CAMARGO, 2013, p.26).

Os crescentes e vertiginosos avanços tecnológicos, com um número cada vez maior de *devices* a servirem de suporte para a fácil visualização de conteúdos audiovisuais, tornam o apreço, ou até mesmo a preferência, pelo consumo dessas mídias cada vez mais apetecível. Os vídeos estão nas bolsas e bolsos de um número cada vez maior de pessoas em todo o mundo, através, por exemplo, dos *tablets* e smartphones. Também deve-se frisar o fato de que, com esses dispositivos, os alunos podem facilmente produzir seus próprios conteúdos audiovisuais como parte integrante do processo de ensino aprendizagem a distância, como o já referido vídeo interativo. Torna-se seguro, então, concluir que o ensino a distância é mais rico havendo MD audiovisuais em seus conteúdos e metodologia do que apenas com a utilização de materiais impressos.

Contudo, embora as inúmeras vantagens aqui referidas, a utilização dos MD audiovisuais não deve colocar em causa o uso do MD impresso. Como já referido anteriormente, é a soma dos conteúdos e diferentes canais de comunicação e informação que possibilitam que EAD atinja seus objetivos (além, é claro, da qualidade destes) e não a escolha de um ou outro MD

exclusivamente. Um exemplo dessa soma é a característica que as videoaulas têm de serem redundantes, ou seja, de reforçar o conteúdo do material impresso, explicando-o novamente e/ou com outra linguagem, ativando outras memórias.

2. Capacitação dos Professores

Por saber que o processo educativo a distância difere do processo presencial, torna-se certo afirmar que a prática docente nesta modalidade também possui características próprias. Primeiramente torna-se fundamental desmistificar o receio de que, com a EAD, os professores perdem espaço, valia, empregos etc. Com o advento das novas tecnologias, que continuam em constante processo evolutivo, e a inserção destas no processo educativo, a comunicação entre professor e aluno ganha novas características e possibilidades. Mas o novo acarreta, em geral, um conjunto de inseguranças. “Crise de identidade por parte do professor, que se sente ameaçado pelos meios, e crise de identidade dos próprios meios, sempre em conflito entre suas possibilidades expressivas reais e a utilização que deles são feitas nas escolas” (FEFFÉS, 1996, p.45 apud CORDEIRO, 2007, p. 37).

Cordeiro (2007) relembra que o surgimento do vídeo e do computador estimularam receios de que o texto escrito e a rádio seriam extintas, o que não se conferiu. Assim, o autor sugere aos docentes que o contexto atual deve ser “visto como mais um desafio a sua atualização, competências e habilidades”. Estes, segundo Bassoli, Pereira e Cazarini (2011, p. 3), passam pela necessidade de:

[...] desenvolver competências, dispor de conhecimentos técnicos, ter visão de futuro, ser mediador, ser capaz de organizar e dirigir situações de aprendizagem, ser transformador, multicultural, reflexivo, aberto, capaz de trabalhar em equipe, enfrentar os deveres e dilemas éticos bem como ser capaz de utilizar as novas tecnologias.

Para tal, torna-se imprescindível que os professores estejam em constante atualização, passando, necessariamente, por uma formação continuada. Souza (2009 apud CASTRO FILHO; DAVID; SOUZA, 2013, p. 74-75)

define os conhecimentos necessários aos professores na modalidade a distância em “saberes disciplinares, saberes didático-pedagógicos e saberes tecnológicos”. Os saberes disciplinares relacionam-se com a capacitação docente na área do saber que vai atuar, ou seja, sua formação acadêmica, graduação, especialização *lato* e *stricto sensu* etc. Os saberes didático-pedagógicos “envolvem o planejamento do curso propriamente dito, que inclui, entre outras coisas, a abordagem aos conteúdos (metodologias), a mediação pedagógica e os procedimentos de avaliação” característicos da EAD. Cabe aqui a capacitação docente para a produção de MD audiovisuais, por exemplo. E os saberes tecnológicos, que se referem às habilidades com as ferramentas digitais, como os AVA e seus recursos e a manipulação dos programas e softwares envolvidos no projeto de EAD da instituição na qual trabalha.

Como já referido, o processo de produção de conteúdos para EAD é realizado por uma equipe multidisciplinar. Portanto, não se espera que o professor se torne um ator, editor de áudio e vídeo, técnico de estúdio de gravação, roteirista, programador, técnico e perito em tecnologias de informação etc. Para isso, há (deve haver) uma equipe com diferentes profissionais capacitados. Espera-se do docente que este esteja inteirado de todo o processo cronológico de produção do referido conteúdo, das características e importâncias de cada parte do processo e do seu papel dentro deste processo. Trata-se, segundo Denise Abreu-e-Lima, da passagem da “monodocência” para a “polidocência”. Nesta, a profissão de docente não é extinta, o que se dá é que adquire ainda mais funções, tais como a de tutor, professor conteudista de MD impressos e audiovisuais, coordenador e gestor de equipes, entre outras.

Contudo, é dever referir que, as condições de trabalho dessa categoria, com baixos salários, onde muitos profissionais necessitam lecionar em mais de uma instituição, em duplos horários e consequentes cansaço e baixa autoestima, tornam-se num grande empecilho à necessidade de uma educação continuada (SOUZA, 2011, p.29).

O novo professor precisaria, num mínimo, de uma cultura geral mais ampliada, capacidade de aprender a aprender, competência para saber agir na sala de aula, habilidades comunicativas, domínio da linguagem informacional, saber usar meios de comunicação e articular as aulas com as mídias e multimídias. (LIBÂNEO, 2009, p.10 apud SOUZA, 2011, p.30).

Libâneo procura resolver a equação ao propor que a aposta deva ser num "intercâmbio entre formação inicial e formação continuada, com acompanhamento", onde os professores em exercício troquem impressões e experiências com os futuros profissionais (SOUZA, 2011). Enquanto a formação docente não abranger, desde cedo, os estudos das metodologias e características da EAD, essa profissão carregará o estigma de um constante "correr atrás do prejuízo".

3. Dificuldades dos Professores se Comunicarem nessa Mídia

A introdução de um elemento novo em um determinado contexto já estabelecido provoca, geralmente, sentimentos como desconforto, relutância, medo, ansiedade, dúvida etc. Trata-se, afinal, de uma situação que nos força a sairmos de nossa zona de conforto, ou seja, a partir de um determinado ponto deve-se agir de forma diferente do que se está acostumado. Assim também se dá com os professores quando são confrontados com a necessidade de planejar e gravar conteúdos audiovisuais para EAD na atualidade.

Para Almeida (2011 apud SENA, 2012), o período anterior à incorporação das novas tecnologias na EAD estava centrado na utilização da rádio, televisão e material impresso. Assim, o papel do professor tinha pouco ou nenhum destaque. Com a inclusão tecnológica cada vez maior na educação, "novos desafios foram colocados para a prática docente e para os processos de aprendizagem". Esses desafios são, nomeadamente, o medo de falar diante da câmera, o uso da linguagem ideal para uma aula em vídeo, o uso do vestuário ideal, da maquiagem ideal, do controle de tempo, visando uma aula que ensine e não canse o aluno, a consciência espaço/corporal, entre outros.

De acordo com Moreira (2013 apud SALDANHA, 2013), a tensão em atuar em uma aula em vídeo "se dá no limiar que coloca o professor entre

aspectos ou características do meio acadêmico e do meio televisivo", ou seja, tendo de agir naturalmente, embora diferente de quando leciona em uma sala de aula e também diferente do que se espera de um ator. Isso torna o contexto de uma aula gravada muito diferente do que o professor está habituado.

Sartori (2005 apud SILVA, 2011) ressalta que:

As dificuldades mais frequentes que os professores enfrentam centram-se na falta de hábito que, de modo geral, todos têm ao se posicionarem diante das câmeras. O "medo" da câmera e sua consequentemente inibição é a barreira mais difícil a ser vencida. Poucos ficam à vontade diante daquela lente, que é na verdade o "olho do aluno que ninguém vê", que não dá alento, muito menos o feedback tão necessário para saber se a aula está ou não atraindo a atenção, se está sendo ou não motivadora, ou se há compreensão ou dúvidas referentes ao conteúdo. Anos de experiências e prática de sala de aula, desenvolvendo o que se costuma chamar de "habilidades de postura em classe" e de "domínio de turma", servem de pano de fundo para as dificuldades enfrentadas pelo professor de se colocar de forma natural durante uma gravação.

Este processo de desconstrução ou simples revisão do approach do professor em sala de aula para o professor em um estúdio, diante de uma câmera, é causador de grande ansiedade, e pode até fazer com que o educador fique "travado" diante da câmera. De acordo com Dalgalarrrondo (2006, p.109 apud D'ELÍÁ, 2013), "o medo é um estado de progressiva insegurança e angústia, de impotência e invalidez crescentes, ante a impressão iminente de que sucederá algo que queríamos evitar e que progressivamente nos consideramos menos capazes de fazer".

Nesse sentido, quanto mais familiarizado e envolvido o professor estiver com processo de produção de um material audiovisual, melhor é a expectativa de que esses medos sejam sublimados. Além da aquisição de competências adquiridas com a prática, Oliveira (2016) dá algumas dicas de como melhorar o desempenho na gravação de aulas em formato de vídeo. Segundo o especialista em vídeos, o professor deve dominar o assunto que deseja transmitir; deve evitar pensar que está falando com um número imenso de alunos, mas sim olhar diretamente para a lente da câmera e imaginar-se conversando com alguém muito familiar e com que se sinta à vontade, ou que

esteja muito interessado no que está dizendo; deve utilizar uma linguagem que lhe seja natural, embora sem gírias e evitando ao máximo qualquer vício de linguagem; deve criar mentalmente um roteiro com a cadência de ideias que pretende abordar na aula (essa cadência de ideias também deve estar presente nos slides a serem apresentados), o que auxilia na diminuição de ansiedade no controle do tempo de cada aula no formato de vídeo, pois este não deve ser longo.

O professor também deve evitar qualquer ruído⁵ na comunicação, e para isso deve estar atento ao figurino escolhido. Uma teleaula ou videoaula exigem atemporalidade, pois pode ser assistida em qualquer período do ano, portanto deve evitar roupas de calor e frio intensos. Também deve evitar estampas que chamem a atenção ou roupas com textos. Também o uso de maquiagem deve ser moderado, priorizando a neutralidade.

A atenção dos professores também deve estar na sua linguagem não verbal, evitando/controlando, “tiques”, estando atentos à sua expressão facial e gestual. Rector & Trinta (1985 apud MESQUITA, 1997, p.159) destacam a importância da comunicação não verbal na transmissão de uma mensagem. Os estudiosos demonstram que “55% da comunicação face a face se dá através do corpo, gesto e expressão facial; 38% é tributável à tonalidade, intensidade e outras características da voz e apenas 7% é realizada através das palavras”.

Tendo em conta esse pequeno conjunto de diretrizes para os professores, fica ainda mais evidente a necessidade de reconhecer que a produção de MD audiovisuais possui características singulares, e que exige um maior comprometimento da parte dos docentes no sentido de melhor desempenharem estas “novas” funções. Do contrário, o resultado é a “forma inadequada da utilização de vídeo, como: “tapa-buracos”, “enrolação”, deslumbramento”, entre outros (MORAN, 2008 apud SILVA, 2011). Este

⁵ De acordo com a teoria da comunicação sistêmica da Escola de Palo Alto, ruídos são elementos físicos externos aos participantes da comunicação que influenciam negativamente nesta.

comprometimento passa tanto pelo autorreconhecimento de suas aptidões (autoanálise), quanto à consequente busca por formações nas áreas onde o professor sinta maiores carências, seguindo as orientações dos profissionais da área de produção de vídeos e direção de arte, afinal “as exigências são muitas e se apresentam de uma só vez” (SILVA, 2011).

Considerações Finais

A procura e maior atenção dada à EAD parece continuar seguindo em trajetória ascendente pelos próximos anos. Assim, torna-se fundamental conhecer cada vez melhor as especificidades dessa forma de educação, através de estudos e da criação de canais de trocas de experiências entre os profissionais da área. Uma vez identificados os elementos para o bom funcionamento da EAD, torna-se fundamental que as IEs invistam em meios físicos e capital humano que melhor respondam às relativas necessidades.

Também é certo que a aposta numa formação inicial do futuro docente, no sentido de capacitá-lo com uma ementa mais completa possível, tanto em nível teórico quanto prático, é a ação mais correta e sensata por parte das IEs. E no que toca ao objeto de estudo da presente pesquisa, nomeadamente a prática docente na produção de materiais audiovisuais, é natural a conclusão, e impera o especial destaque, de que quanto antes os professores experienciem a produção de materiais audiovisuais, melhor serão não apenas os materiais produzidos por esses profissionais, como também com menos sofrimento, angustia e desgaste decorrerá todo o processo.

Num meio de comunicação deveras frio, como o mediado por computador, os conteúdos audiovisuais são os que melhor se aproximam da realidade presencial, sendo, desta forma, capaz de aproximar professor e aluno como nenhum outro material didático. Mas para que cumpra eficazmente esta função, têm de ser de qualidade. E só o será com investimento, tanto do professor em sua constante capacitação, quanto por parte das IEs.

Referências Bibliográficas

BASSOLI, DyjalmaAntonio; PEREIRA, Camila Regiane Marques; CAZARINI, Edson Walmir. De Docente a Aluno: reflexões sobre capacitação docente para EAD. 2011. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2011/cd/37.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2016.

BRASIL, Ministério da Educação do. Referências de Qualidade para Educação Superior a Distância. 2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/legislacao/refead1.pdf>>. Acesso em: 2 jun. 2016.

CAMARGO, Leonardo Drummond Vilaça Lima. Produção e Avaliação de Materiais Didáticos Audiovisuais para Ensino de LIBRAS a Distância. 2013. Disponível em: <http://www.files.scire.net.br/atrio/cefet-mg-posling_upl//THESIS/43/dissertacao_final_leonardo_drummond.pdf>. Acesso em: 2 mai. 2016.

CASTRO FILHO, José Aires de; DAVID, Priscila Barros; SOUZA, Claudenice de Freitas. Formação Docente para EAD. In: ARAËJO, Júlio; ARAËJO, Nukácia (Org.). EaD em Tela: Docência, Ensino e Ferramentas Digitais. Campinas: Pontes, 2013. p. 63-88.

CORDEIRO, Leonardo Zenha. Elaboração do Material Videográfico: Percursos Possíveis. In: CORRÊA, Juliane (Org.). Educação a Distância: Orientações Metodológicas. Porto Alegre: Artmed, 2007. Cap. 3. p. 37-45.

D'ELÍIA, Karla Alessandra de Amorim. Uma Abordagem Psicológica Sobre o Medo. 2013. Disponível em: <<https://psicologado.com/atuacao/psicologia-clinica/uma-abordagem-psicologica-sobre-o-medo>>. Acesso em: 9 jun. 2016.

FRANCO, Marco António Melo. Elaboração de Material Impresso: conceitos e propostas. In: CORRÊA, Juliane (Org.). Educação a Distância: Orientações Metodológicas. Porto Alegre: Artmed, 2007. Cap. 2. p. 21-35.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 13.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. Pedagogia da esperança: um encontro com a pedagogia do oprimido. 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HACK, Josias Ricardo. Audiovisual e Educação a Distância: aportes teóricos e reflexões sobre uma experiência. 2007. Disponível em: <<http://www.hack.cce.prof.ufsc.br/wp-content/uploads/2010/01/Abled2007.pdf>>. Acesso em: 26 mai. 2016.

LIMA, Artemilson Alves de. Fundamentos e Práticas na EaD. 2012. Disponível em: <[http://eadspo.ifsp.edu.br/file.php/1/Fundamentos e praticas na EaD/Fundamentos e praticas na EaD/versao_Final-Fund_e_praticas_na_EaD_03_05_12.pdf](http://eadspo.ifsp.edu.br/file.php/1/Fundamentos_e_praticas_na_EaD/Fundamentos_e_praticas_na_EaD/versao_Final-Fund_e_praticas_na_EaD_03_05_12.pdf)>. Acesso em: 15 mai. 2016.

MESQUITA, Rosa Maria. Comunicação Não-verbal: relevância na atuação profissional. 1997. Rev. paul. Educ. Fis., São Paulo, 11(2):155-63, jul./dez. 1997. Disponível em: <http://citrus.uspnet.usp.br/eef/uploads/arquivo/v11_n2 artigo7.pdf>. Acesso em: 20 maio 2016.

MORAN, José Manuel. Aperfeiçoando os Modelos de EAD Existentes na Formação de Professores. 2009. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/5775/4196>>. Acesso em: 1 jun. 2016.

MORAN, José Manuel. O Uso das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação na EAD: uma leitura crítica dos meios. 1999. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/T6_TextoMoran.pdf>. Acesso em: 14 maio 2016.

OLIVEIRA, Michael. Como Eliminar o Medo de Falar em Vídeos. 2016. Disponível em: <<http://www.michaeloliveira.com.br/como-eliminar-o-medo-de-falar-em-videos/>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

OLIVEIRA, Teresinha Zélia Queiroz et al. A Construção do Material Didático em EAD: uma experiência de aprender fazendo, através da ação, do conhecimento e da afetividade. 2004. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2004/por/htm/038-TC-B2.htm>>. Acesso em: 5 mai. 2016.

POSSOLLI, Gabriela Eyng; CURY, Priscila de Quadros. Reflexões sobre a Elaboração de Materiais Didáticos para Educação a Distância no Brasil. 2009. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2558_1546.pdf>. Acesso em: 5 mai. 2016.

RODRIGUES, Patrícia. Profissionalizando a Produção de Videoaulas. Campo Grande: 18º Ciaed - Congresso Internacional de Ead, 2014. 20 slides, color. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/patriciarodriguesconsultoria/profissionalizando-a-producao-de-videoaulas>>. Acesso em: 5 mai. 2016.

SALDANHA, Luís Cláudio Dallier. A Teleaula em Questão. 2013. Disponível em: <<http://seer.canoas.ifrs.edu.br/seer/index.php/tear/article/viewFile/139/66>>. Acesso em: 18 maio 2016.

SALES, Mary Valda Souza. Uma Reflexão Sobre a Produção do Material Didático para EAD. 2005. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2005/por/pdf/044tcf5.pdf>>. Acesso em: 5 mai. 2016.

SENA, Eni de Faria. As Videoaulas de um Curso a Distância: Obstáculos didáticos/pedagógicos e suas implicações na aprendizagem do aluno. 2012. Simpósio Internacional de Educação a Distância 2012. Disponível em:

<<http://sistemas3.sead.ufscar.br/ojs/index.php/sied/article/viewFile/245/122>>. Acesso em: 1 jun. 2016.

SILVA, Andréia Turolo da (Org.). Caminhos par a Produção e a Utilização de Recursos Audiovisuais no ensino de Línguas. In: ARAËJO, Júlio; ARAËJO, Nukácia (Org.). EaD em Tela: Docência, Ensino e Ferramentas Digitais. Campinas: Pontes Editores, 2013. p. 91-118. (Volume 23).

SILVA, Patricia Rodrigues da. A Importância a Capacitação do Professor na Apresentação das Teleaulas E Utilização da Produção Audiovisual em Ead. 2011. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2011/cd/160.pdf>>. Acesso em: 26 maio 2016.

SILVEIRA, Ana Paula Kuczmynda da et al. Uma Breve Revisão Histórica do Papel das Videoaulas na EaD no Brasil. 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/viewFile/1984-8420.2010v11n2p53/17481>>. Acesso em: 6 jun. 2016.

SOARES JUNIOR, Celso Pinto; MASSENSINI, Ariana Ramos. Não Existe Professor na Modalidade EaD: Um mito a ser quebrado. 2011. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2011/cd/268.pdf>>. Acesso em: 2 jun. 2016.

SOUZA, Pedro José Sanches de. Professor Ensina! Mas quem Ensina o Professor?: Relações de aprendizagem mediadas pelas tecnologias. Embu - Sp: Alexa Cultural, 2011. 108 p.

TELEAULA EAD: Teleaula, videoaula, webaula: que espaços são esses?. Intérpretes: Patrícia Rodrigues. Roteiro: Patrícia Rodrigues. Campo Grande: Teleaulaead, 2014. Color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCn1poOAiKVxrtPw5U9-9CYQ/videos>>. Acesso em: 20 mai. 2016.

TVSALA - EAD e a Formação de Professores. Intérpretes: Denise Abreu-e-lima. São Carlos: Tv Sala, 2010. (9 min.), Online, son., color. Entrevista. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sRB6fPsl6Ac>>. Acesso em: 20 mai. 2016.

VOIGT, Patrícia da Cunha Garcia. Investigando o Papel do Professor em Cursos de Educação a Distância. 2004. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2004/por/htm/143-TC-D2.htm>>. Acesso em: 4 jun. 2016.

ZANETTI, Alessandra. Elaboração de Materiais Didáticos para Educação a Distância. Elaborado pela Biblioteca Virtual do NEAD/UFJF. Disponível em: <http://www.cead.ufjf.br/wp-content/uploads/2015/05/media_biblioteca_elaboracao_materiais.pdf>. Acesso em: 26 mai. 2016.